

O Fórum de Pesquisa Cásper Líbero e os desafios da pesquisa em comunicação na era do capitalismo global



Claudio Novaes Pinto Coelho

*Docente e Vice-coordenador de Pós-graduação
em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: claudionpcoelho@uol.com.br*

Maria Goreti Juvencio Sobrinho

*Coordenadora do Centro Interdisciplinar
de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: goreti@casperlibero.edu.br*

Resumo: A Faculdade Casper Líbero realiza anualmente o seu Fórum de pesquisa, que aglutina trabalhos desenvolvidos por docentes e discentes da graduação, da especialização e do mestrado. A abordagem de questões relacionadas com as práticas comunicacionais juntamente com reflexões teóricas abrangentes vem norteando a organização das edições do Fórum, o que coloca em questão a valorização de saberes especializados e a subordinação do conhecimento aos interesses do capitalismo na era da globalização.

Palavras-chave: Faculdade Casper Líbero, Fórum de Pesquisa, produção de conhecimento, capitalismo global.

El Foro del Centro de Pesquisas de Cásper Líbero y los desafíos de la investigación en Comunicación en la época del capitalismo Global

Resumen: La Facultad Cásper Líbero realiza todos los años su Foro de Pesquisas, que presenta trabajos desarrollados por docentes y discentes de graduación, especialización y del programa de maestría. El abordaje de cuestiones relacionadas con las prácticas comunicacionales mezcladas con reflexiones teóricas abarcadoras vienen dando el norte a la organización de las ediciones del Foro, lo que pone en cuestión la valoración de saberes especializados y la subordinación del conocimiento a los intereses del capitalismo en la época de la globalización.

Palabras clave: Faculdade Cásper Líbero, Foro de Pesquisa, producción de conocimiento, capitalismo global.

Casper Libero Research Forum and the challenges of research in communication in the Age of global capitalism

Abstract: Casper Libero College performs its Research Forum annually, gathering works conducted by professors and students of graduation, specialization and master's degree. The approach of the issues related to the organizational communication practices together with embracing theoretical considerations has been guiding the Forum organization, which puts into question the valorization of specialized knowledge and the knowledge subordinated to capitalism interests in the age of globalization.

Key words: Casper Libero College, Research Forum, knowledge production, global capitalism.

Em meio às vicissitudes do processo de desenvolvimento capitalista no Brasil, notadamente dos últimos quinze anos, nos quais houve uma intensa e contraditória internacionalização de suas formas de existência, o país renovou seus padrões de produção e consumo e mesmo o seu patrimônio cultural e científico, todavia insuficientes ante a concorrência global e o recrutamento das carências sociais.

Nesse período, a educação superior no Brasil passou por grandes transformações que resultaram basicamente em dois modelos institucionais: um voltado para o ensino de massa e outro voltado para a educação com excelência na qualidade. A necessidade imperiosa, para o futuro das instituições de ensino no país, é a da renovação com qualidade, que pressupõe a institucionalização da pesquisa como compromisso social. A opção por investimento em pesquisa científica não é, portanto, uma escolha de natureza ética e moral apenas. Trata-se de um imperativo para sobrevivência no cenário global.

O processo de institucionalização da pesquisa na Faculdade Cásper Líbero, inserido neste contexto, tem por pressuposto a experiência em desenvolvimento e a pesquisa científica acumulada para, a partir delas, detectar e incorporar, sob o critério da finalidade social, as demandas e os desafios do universo da pesquisa em comunicação.

O investimento em pesquisa científica não é só uma escolha de natureza ética e moral, é um imperativo para sobrevivência no cenário global

O Fórum de Pesquisa Casper Líbero, que desde a edição de 2009 aglutina trabalhos desenvolvidos por docentes e discentes da graduação, da especialização e do mestrado, evidencia os avanços já conquistados neste processo de institucionalização. O Fórum demonstra a preocupação com a articulação das atividades desenvolvidas por docentes e discentes da graduação em torno do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) com as atividades desenvolvidas pelos cursos de Pós-Graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. A preocupação em consolidar a articulação das pesquisas feitas na Faculdade Cásper Líbero permite potencializar a própria produção científica, seus resultados e sua visibilidade intra e extra-institucional.

O Fórum é fruto do compromisso da Faculdade Casper Líbero com a qualidade da pesquisa científica, com a construção rigorosa do pensamento científico no campo da comunicação e de áreas afins e com a troca de conhecimentos e experiências, isto é, com o fazer social, condição necessária para o desenvolvimento do conhecimento e da resolução das carências sociais.

As edições do Fórum de Pesquisa de 2009 e 2010

Na edição de 2009, foram apresentados mais de 50 trabalhos distribuídos em dezesseis mesas temáticas todas elas vinculadas às linhas de pesquisa do CIP (Comunicação: Tecnologia e Política; Comunicação: Meios e Mensagens; Comunicação e Mercado; e Comunicação na Sociedade Informacional) e da Pós-Graduação (Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado; e Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento).

A valorização de pesquisas voltadas para o jornalismo, que faz parte da tradição da Faculdade Cásper Líbero, esteve presente nos seguintes temas: jornalismo e novas tecnologias; desafios do jornalismo contemporâneo; jornalismo e política; e jornalismo e literatura. O reconhecimento de que a investigação sobre a comunicação contemporânea é inseparável de reflexões sobre a cibercultura marcou a abordagem dos temas: cultura de rede e relações sociais nos ambientes tecnológicos. A relevância da dimensão áudio-visual da comunicação foi destacada nas mesas: mídias, aspectos visuais e sonoros, a dimensão sócio-política da cinematografia; estudos de TV; e mídia e imagem. Os vínculos entre as práticas comunicacionais, o mercado e as organizações foram debatidos nas seguintes mesas: estratégias de marketing e propaganda, marketing cultural e seus produtos; comunicação organizacional e relações públicas; e dilemas e desafios da comunicação organizacional. Se, em todas as mesas houve a preocupação em mostrar a impossibilidade da separação entre prática e teoria no campo da comunicação, a importância da dimensão teórica foi ressaltada na mesa: reflexões teóricas sobre a comunicação. A necessidade de a comunicação ser pensada juntamente com os problemas sociais da contemporaneidade foi lembrada pela mesa: comunicação: exclusão e inclusão social.

Se o objetivo principal do Fórum é a divulgação para toda a comunidade acadêmica

dos trabalhos de pesquisa realizados na Faculdade Cásper Líbero, este não é seu único objetivo: o Fórum propicia uma troca de experiências e de conhecimentos entre pesquisadores que estão em diferentes momentos da sua trajetória profissional. Por exemplo, da mesa Jornalismo e novas tecnologias faziam parte o Prof. Dr. Walter Lima, que apresentou uma pesquisa de pós-doutorado, o Mestre Fernando Correa do Carmo, que expôs a sua dissertação defendida na Casper Líbero, a especialista Renata Reche Simon Pepe, que discorreu sobre sua monografia de *lato sensu* e Daniela Fernandes Cambaúva, que apresentou um trabalho de iniciação científica. Esta característica do Fórum está baseada na convicção de que o diálogo é o elemento principal da produção do conhecimento, de modo que o saber científico deve ser apropriado coletivamente.

Em 2010, a estrutura básica da edição anterior foi mantida, com alguns acréscimos: uma conferência de abertura e a realização de oficinas. A conferência foi proferida por Carlos Guilherme Motta, Professor-titular do departamento de História da USP e um dos mais importantes historiadores brasileiros, que abordou o tema das dificuldades para a valorização da pesquisa e da produção do conhecimento, tendo em vista a predominância de uma visão da educação como formadora de mão de obra para as empresas. As oficinas permitiram um contato mais direto e prolongado com trabalhos de pesquisa desenvolvidos por docentes da instituição e pesquisadores formados por ela, sobre questões relevantes e distintas entre si como o uso de drogas qual fenômeno cultural por Sandra Lúcia Goulart, a concepção semiótica da comunicação por Roberto Chiachiri e um estudo de caso do “Programa Márcia” da *TV Bandeirantes* por Gabriel Fabbri.

A identificação da Faculdade Casper Líbero com a reflexão sobre o jornalismo se fez novamente presente com uma mesa sobre os desafios e perspectivas do jornalismo. Investigações sobre as mídias eletrônicas tiveram grande destaque com duas mesas voltadas

para estudos sobre a televisão, além de uma mesa direcionada especificamente para o principal produto da indústria cultural brasileira: as telenovelas. Mesas que aglutinaram pesquisas sobre rádio e sobre a cultura de rede fizeram parte também deste grande painel sobre as mídias eletrônicas.

Reflexões sobre as relações entre a mídia e a produção cultural e sobre a produção midiática das imagens também marcaram presença no Fórum em 2010, assim como análises sobre a economia política da mídia. Não poderiam faltar trabalhos sobre as práticas profissionais da comunicação, que foram abordadas em mesas sobre a análise do discurso publicitário, o marketing e a comunicação organizacional e as relações públicas.

● A divisão do trabalho intelectual e os saberes especializados

O entendimento de que a abordagem de questões relacionadas às práticas comunicacionais não pode ser separada de reflexões teóricas abrangentes esteve presente na organização das edições do Fórum, assim como faz parte das políticas de pesquisa da Graduação e da Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. No entanto, a não separação teoria/prática e a compreensão de que a comunicação e a sociedade são realidades indissociáveis representam um desafio tendo em vista a valorização de saberes especializados pelo modo de produção capitalista, que se baseia na divisão social do trabalho e na apropriação privada do conhecimento para fins de obtenção de lucro dentro da lógica do acúmulo de capital.

Como argumenta o filósofo húngaro Georg Lukács, a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual é a principal forma da divisão de trabalho no capitalismo, mas a divisão do trabalho se manifesta também no interior do trabalho intelectual com as especializações e os especialistas:

Acrescente-se que o desenvolvimento do capitalismo diferencia, posteriormente, o

trabalho intelectual em diversos campos separados, que assumem interesses particulares, materiais e espirituais em recíproca concorrência, criando uma espécie de especialistas. (Que se pense na psicologia particular dos juristas, dos técnicos, etc) (Georg Lukács, 1981:121).

A valorização da especialização da produção de conhecimento está inserida na dinâmica econômica do capitalismo, possuindo também uma dimensão ideológica. Desde o momento em que a burguesia, classe dominante da sociedade capitalista, abandonou os seus ímpetus revolucionários, ela passou a combater ideologicamente conhecimentos dotados de perspectiva crítica e de potencial transformador da realidade, que interessa à burguesia conservar. A especialização do conhecimento favorece o abandono de perspectivas críticas, e a redução da produção de saber a um instrumento para o aperfeiçoamento do capitalismo, que não deve ser colocado em questão. O direcionamento do conhecimento para investigações voltadas para a compreensão da realidade social como uma totalidade histórica passa a ser considerado, na melhor das hipóteses, como algo inútil, pois descolado das questões concretas, ou seja, das necessidades da reprodução material e ideológica do modo de produção capitalista.

A investigação dos vínculos entre teoria e prática e a valorização do diálogo entre pesquisas e pesquisadores voltados para temas específicos, encaram o desafio de nadar contra a corrente das características universais do capitalismo, de fragmentação e instrumentalização da pesquisa científica. Mas, além disso, defrontam-se também com as características particulares do capitalismo brasileiro, que é dependente e subordinado. Nessa forma de capitalismo, nem mesmo a instrumentalização do saber é feita de forma ativa, repetimos aqui o que é feito nos pólos dominantes do capitalismo globalizado. Este caráter subordinado da educação brasileira manifesta-se com clareza no modelo voltado para o ensino de massa, que inclusive

vem passando por um processo crescente de desnacionalização das empresas educacionais, evidenciando a sua dificuldade em fazer frente à concorrência global.

A dificuldade de fazer frente à concorrência global é inerente ao capitalismo dependente, atingindo as empresas em geral, inclusive as empresas de comunicação. A classe dominante brasileira, promotora e principal beneficiária do capitalismo dependente, adere ideologicamente ao capitalismo globalizado, como se pode perceber pela visão positiva sobre a globalização disseminada pela grande mídia brasileira.

● A mídia brasileira e a globalização: adesão ao “Discurso Único”

Caso emblemático de apologia ao capitalismo são os discursos proferidos pela imprensa, especialmente a partir dos anos noventa, quando tem início uma nova fase de liberalização e desregulamentação da economia brasileira, que foi precedida e acompanhada por inúmeros discursos apologéticos à globalização¹. Nesse contexto, os meios de comunicação, complacentes com os governos de plantão, aderiram ao chamado “discurso único”, traduzindo a globalização de modo vulgar, superficial, passando, pois, ao largo de suas contradições. Para referendar as políticas levadas a cabo, a imprensa prepara o terreno com análises nas quais a globalização é evocada como processo irreversível, mas que traz em seu bojo uma série de potencialidades. Ao menos até as crises financeiras internacionais da segunda metade dos anos noventa, predomina uma visão idílica da globalização, como um processo que traria uma era de paz, de prosperidade, de democratização, de realização das virtudes do multilateralismo das relações internacionais e postulando que o caminho para fruí-las era aquele que o país estava percorrendo. A mídia

¹ Como foi observado na pesquisa desenvolvida no âmbito do CIP, Juvencio Sobrinho, M. G. “Os discursos sobre globalização e a abertura da economia brasileira nos editoriais da Folha de S. Paulo, durante 1999 a 2006”.

transformou-se num espaço de vulgarização e apologia da globalização, em que pese trazer à baila, como fez a FSP, dados importantes do carácter excludente desse processo, sem que, no entanto, atribua, de fato, à globalização e ao modo de reinserção internacional brasileira a responsabilidade pelos aspectos sociais mais gravosos dessa nova realidade.

Nota-se que a partir das turbulências financeiras de 1997 e 1998, que repercutem negativamente sobre a economia brasileira, há uma mudança de tom nos discursos, como podem ser vistos nos editoriais da FSP. Passa a ser dito que a globalização não foi capaz de promover a bonança presumida pelas expectativas anteriores, a publicar aspectos negativos do processo de globalização, como a redução do poder dos estados nacionais, as turbulências financeiras e mesmo dados referentes à exclusão social. Como também a sugerir, embora de maneira ambígua, que mudanças são oportunas tanto na política econômica, a fim oferecer maior atenção a setores estratégicos da economia, como os bens de produção, quanto na forma pela qual o país vinha se inserindo na globalização, isto é, de forma “incondicional e unilateral, subserviente e sem projeto”².

Ao longo do governo Lula, a FSP, por exemplo, continua propugnando que a globalização é irreversível, e que é inócua qualquer tentativa de superação da lógica substancial pela qual ela vem sendo operada, de sorte que o posicionamento dos empresários da comunicação em geral se coaduna com a dos demais setores privados locais, que viram na internacionalização da economia a única via para resolver os seus problemas de rentabilidade. Opção esta que não inflectiu, ao contrário, consolidou o modo de ser e ir sendo do capitalismo brasileiro, cuja associação subordinada com o capital externo tem sido, desde metade do século passado, uma opção da burguesia brasileira para resolver

os ditames do processo de modernização e atualização do capital.

Em que pese algumas inflexões em relação ao discurso apologético da globalização, resultado, em grande medida, da exacerbação das contradições sociais e da ferocidade



Os mecanismos utilizados pela mídia para parecer preocupada com carências sociais e autonomia nacional fazem parte da “inteligência da manipulação”

das mazelas econômicas que deixaram para trás a visão idílica de que a globalização seria um processo de homogeneização, ou a alvissareira de um mundo de bonança e justiça para todos, não há qualquer questionamento de fundo. Uma vez que os meios de comunicação e demais frações burguesas continuam se beneficiando, em maior ou menor grau, dependendo do caso, do processo de liberalização, as “críticas” à globalização, ou são meramente protocolares ou tentam traduzir algumas insatisfações setoriais, jamais há uma crítica na perspectiva do trabalho.

A manutenção dos interesses do *establishment* econômico exige, sim, certos pronunciamentos, aparentemente dissonantes, como forma de manipulação, tão própria ao comportamento de nossas elites. De modo que o padrão complacente e os mecanismos utilizados pela mídia para parecer imbuída de preocupações com as carências sociais ou com a autonomia nacional³ fazem parte da “inteligência da manipulação”⁴, tão própria da nossa burguesia, isto é, dizem respeito à incapacidade

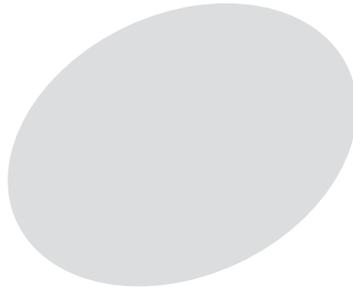
² Ver também, a propósito de documento lançado pela Fiesp: *O Brasil de Todos Nós*, o editorial “Volta do planejamento, 01/02/2002 e “Crises dentro e fora”, 30/11/2002.

³ Como alguns editoriais da FSP insinuam.

⁴ Expressão cunhada por CHASIN, J., ver a respeito *A miséria brasileira: 1964-1994: do golpe militar à crise social*. Santo André. Estudos e edições Ad Hominem, 2000.

dade dessa classe de se projetar como agente transformador, de sorte que tem de inverter o sentido preciso da transformação em manipulação, este se convertendo em componente cada vez mais necessário para as mudanças ou processos de modernização feitos pelo alto⁵.

Tentar apreender o caráter objetivo da globalização significa reconhecê-la como produto histórico e contraditório do capital



Em outros termos, a atividade manipuladora resulta sempre numa mudança que nega a mudança⁶, pois, “sustenta e reafirma a natureza da estrutura e dos fatores que a integram, reproduzindo os lugares sociais dos atores no complexo”. É certo que a “inteligência da manipulação” não é um privilégio da burguesia do capital atrofico, mas da burguesia contemporânea. Contudo, vale lembrar, a burguesia clássica substituiu a inteligência da transformação de outrora pela manipulação, enquanto que a nossa burguesia nasce e se projeta apenas contando com a “inteligência da manipulação”, meio incontornável do seu ser precisamente assim, impossibilitada, pois, de levar à frente um processo de transformação que de fato supera o historicamente velho, o que pressuporia a integração de amplas massas populares.

Consideramos, assim, que os problemas relacionados à mídia, especialmente aqueles referentes à ausência da contextualização da

notícia e da manipulação da mesma, têm a ver, em grande medida, com a produção do conhecimento no mundo contemporâneo e mais diretamente com a globalização. Basta lembrar que de acordo com alguns teóricos, que se debruçaram sobre a problemática da especialização do conhecimento, a fragmentação da ciência resultou da ruptura da unidade básica que havia entre filosofia e ciências naturais. A partir do momento em que ocorre o distanciamento entre filosofia e ciências – cujas causas decorrem da própria lógica de funcionamento da sociedade regida pelo capital – impõe-se o fenômeno da especialização, que conduz ao reducionismo e ao formalismo, impedindo, desse modo, a resolução dos problemas decorrentes de um mundo cada vez mais globalizado. Daí que entender criticamente o conteúdo veiculado pela mídia implica examinar com acuidade os vários processos e determinações sociais da produção do conhecimento no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, tentar apreender o caráter objetivo da globalização não significa enredar-se no campo especulativo e manipulatório, comum em parte considerável da mídia – cuja função tem sido predominantemente a de vulgarizar esse fenômeno, abstraindo dessa realidade somente os traços que lhes interessam divulgar, num dado momento –, mas reconhecê-la como produto histórico e contraditório do capital, de maneira que vale a pena retomar algumas aquisições clássicas que auxiliam na elucidação deste processo.

A globalização e a lógica do capital

Sendo resultado do movimento imanente do capital, a globalização não é um fenômeno à parte ao capital, mas um processo que exacerba as características inerentes e contraditórias do próprio capital. Expressão de uma determinada forma de sociabilidade humana, historicamente determinada, o capital manifesta-se enquanto relação social de dominação, cuja base matrizadora é dada pela separação entre produtor e meios

⁵ Essas questões foram desdobradas no artigo, SOBRINHO, M. J. “O ser e ir sendo do capitalismo brasileiro”, *Communicare: revista de pesquisa/ centro interdisciplinar de pesquisa*, vol. 4, n.2 (2004), São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, 2004.

⁶ A esse respeito ver FERNANDES, F. *Nova República?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

de produção, configurando-se, portanto, de um lado como *produção social* e de outro como *apropriação privada* de riqueza. Esses são elementos estruturais que o determinam e que se conservam enquanto lógica do seu funcionamento, nos vários estágios de seu desenvolvimento. Mesmo efetivando-se em formas histórico-particulares diversas, o capital conserva esta sua essência, “uma sociedade de produtores de mercadorias, cuja relação social geral de produção consiste em relacionar-se com seus produtos como mercadorias, portanto, como valores, e nessa forma reificada relacionar mutuamente seus trabalhos privados como trabalho humano igual” (Marx, 1985:75).

Na esteira analítica marxiana, a globalização atualiza a lógica imanente do capital, ela é o desaguadouro da acumulação ampliada alcançada pelo próprio capital, de sorte que a tendência à universalização do capital decorre das exigências de desenvolvimento impostas pela sua própria lógica de funcionamento, ele precisa se ampliar permanentemente, pois “se o capital destina-se a ser a forma dominante de uma época, suas condições terão que desenvolver-se não apenas localmente, mas em grande escala” (Marx, 1986:102).

É consoante a lógica do capital, segundo Marx, a criação de uma indústria universal, de uma sociedade burguesa internacionalizada, de um modo de produção universal “em face do qual todos os anteriores aparecem como desenvolvimentos meramente locais da humanidade e como idolatria da natureza”. Neste processo, o capital atua de modo constantemente revolucionário: deruba barreiras e preconceitos nacionais, tradições limitadas, portanto, destroça todos os óbices “que impedem o desenvolvimento das forças produtivas, a ampliação das necessidades a diversificação da produção e exploração e o intercâmbio das forças naturais e espirituais” (Marx, 1976: 362).

Donde que o capital corresponde à primeira forma de sociabilidade humana que tem como objetivo não a reprodução do existente, mas a *reprodução* cada vez mais *amplia-*

da da riqueza. O desenvolvimento das forças produtivas desencadeadas pelo capital leva a uma produção universalizante e, com isso, à ampliação das próprias condições objetivas da existência dos homens, liberando-os dos seus limites naturais – a superação dos limites das formações sociais pré-capitalistas; subsunção do homem a terra e das relações de dominação daí provenientes. A ascensão do capital como força propulsora do desenvolvimento histórico supera todas as formas do passado precisamente porque trás em si uma lógica revolucionária já que os pressupostos para a existência humana, os meios de trabalho são criados pelo próprio homem. De modo que o caráter civilizador do capital reside precisamente na supressão progressiva dos limites naturais da existência dos homens e com isso na inversão do eixo da existência humana: o objetivo deixa de ser a reprodução das condições existentes e passa a ser a produção cada vez mais ampliada da riqueza: a referência não é o passado, mas sim o futuro – donde se inaugura a possibilidade da produção infinita de novas potencialidades humanas. Não se ignora, todavia, que essa universalização ocorre, como assinalou Heller, “sob formas cada vez mais alienadas”.

Enquanto produto do processo histórico do capital, a globalização passou por algumas etapas, objetivando-se em formas particulares, até chegar à forma atual de efetivação do mercado global. A trajetória universalizante do capital contou, desde o renascimento, com a formação dos estados nacionais, com as revoluções burguesas, com importantes transformações científicas, tecnológicas e sociais, posto que, conforme mencionado, é imperioso ao capital se reproduzir de modo cada vez mais ampliado, ou conforme a célebre passagem do *Manifesto comunista*,

“A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, por conseguinte as relações de produção, por conseguinte todas as relações sociais. /.../ O permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e

o movimento eterno distingue a época da burguesia de todas as outras. Todas as relações fixas e enferrujadas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que era dos estados (ou ordens sociais) e estável se volatiliza, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são por fim obrigados a encarar com os olhos bem abertos a sua posição na vida e as suas relações recíprocas” (Karl Marx, 1848:85)

Cada etapa de expansão do capital foi acompanhada pela conquista de espaços cada vez maiores até abranger todo o planeta e imprimir sua lógica, de modo que, se sua lógica se impõe em todos os quadrantes da terra, ficar fora da globalização é perder a condição de existir, é perecer, todavia, ao se reproduzir de forma ampliada ele também engendra novas formas de existência.

O caráter excludente da mundialização do capital

Nessa direção, os anos oitenta produziram um salto qualitativo e quantitativo do capital por meio dos IEDs, investimentos externos diretos, que se caracterizam tanto pelos investimentos de curto prazo quanto por aqueles cujos resultados são calculados em longo prazo, definidos como investimentos “em carteira”. Abarcam a transferência líquida de capital, através da compra de ações, aumento de capital já existente ou compra de empresas. Os IEDs traduzem um alto grau de penetração do capital, cujo alcance vai desde a produção, passando pelo comércio, até a repatriação de lucros; objetivando, obviamente, na maioria das vezes, liquidar com os concorrentes locais e/ou absorver tecnologias existentes. A compra de ações de grupos educacionais ou de empresas do campo da comunicação por investidores estrangeiros situa-se dentro deste contexto, agravando a condição subalterna do capitalismo brasileiro, quer seja do ponto de vista tecnológico, quer seja na produção de conhecimento e de ideologias.

Segundo Chesnais, teórico que vem fornecendo valiosas pistas para a compreensão das recentes crises internacionais, o crescimento dos IEDs é mais pronunciado nos ativos financeiros, “títulos relativos à propriedade das companhias (na indústria, serviços ou setor bancário e financeiro), adquiridos na perspectiva de rentabilidade imediata e que são extremamente voláteis”. Por sua vez, o processo de internacionalização do setor de serviços “deu-se mais pela via dos IEDs do que por meio das exportações”. (Chesnais, 1996:58).

A formação do mercado mundial é a principal tarefa do capital/da burguesia desde o princípio, posto que ao acumular riqueza o capital necessita ampliar os espaços para sua realização enquanto capital, de sorte que a globalização é o desaguadouro natural do processo de acumulação do capital, todavia a globalização não elimina as fronteiras geográficas, nem a formação dos blocos econômicos se processa de forma homogênea e nem leva à igualdade entre os povos, mantém, portanto, o caráter desigual das relações, inerente ao capital. Assim, as diferenças e as desigualdades ainda se manifestam no interior das configurações geográficas e através dos vínculos que estas mantêm entre si.

Os escritos de Chesnais também explicitam o caráter excludente da mundialização do capital, visto que ela abarca majoritariamente as esferas regionais onde existem condições de valorização do capital. As grandes operações de investimentos estão circunscritas aos países da tríade. Entre 1980 e 1990, os IEDs alcançaram um patamar de 80%, a maior parte através de aquisições-fusões, cujos desdobramentos não se reverteram em novos postos de trabalho, ao contrário, foram orientados pelas modalidades de “reengenharia” e necessidades de flexibilização. As transações de aquisição-fusão decorrem do processo de centralização do capital e são marcadas também pelo caráter concorrencial entre os oligopólios, de modo que em muitos momentos o imperativo é manter posições e não propriamente ampliar o espaço de investimentos produtivos. Acordos de cooperação, formação de “empres-

sas-redes”, como também as formas de terceirização – cujo objetivo é transferir os tributos mais onerosos do mercado – consubstanciam os objetivos do capital de se beneficiar das melhores condições existentes, trata-se da apropriação de parcelas da mais-valia criadas pelo capital alheio, isto é, segundo Chesnais, “de uma punção sobre a atividade produtiva e o excedente de outra empresa” (1996:247).

Não custa lembrar que as incursões das atividades especulativas remontam algumas décadas e estão conjugadas com os mesmos fatores que impulsionaram a mundialização do capital. Segundo Chesnais, são “dois movimentos conjuntos, estreitamente interligados, mas distintos”. O primeiro refere-se à fase mais longa de acumulação do capital, desde 1914 – os chamados vinte e cinco anos “gloriosos”, entre 1950 e 1975. O segundo movimento corresponde às políticas de liberalização e a quebra das conquistas do trabalho, pioneiras nos governos Thatcher e Reagan.

As contradições oriundas do longo processo de acumulação anterior (determinada pela superprodução) provocaram uma redução da rentabilidade do capital investido na indústria. A saída para a valorização dos capitais industriais deu-se através das atividades financeiras. Minado pelas especulações contra a libra esterlina e a formação dos euromercados o sistema de Bretton Woods cai em 1971 – quando Nixon arbitrariamente desvincula o dólar do ouro – com implicações não somente no âmbito do sistema financeiro, mas na movimentação do capital em escala mundial.

Propagam-se, a partir daí, a hegemonia do capital especulativo, a instabilidade monetária, a volatilidade das taxas de câmbio⁷, o desequilíbrio intenso na balança de pagamentos, a crise da dívida externa do Terceiro Mundo, explicitada em 1982, os desequilíbrios entre os países avançados, sobretudo entre EUA, Japão e Alemanha.

⁷ Não é por acaso que alguns porta-vozes do neoliberalismo defendem os câmbios flutuantes, pois, segundo eles, os mecanismos do mercado se encarregam de equilibrar qualquer desajuste exterior, da taxa de câmbio, portanto é algo em que o estado jamais pode intervir.

A internacionalização do setor financeiro faz com que os capitais especulativos se orientem – visando sempre a sua rentabilidade – a partir das variações nos níveis de inflação e taxas de juros, o que por sua vez provoca desequilíbrios ainda maiores na economia mundial.



A globalização mantém o caráter desigual das relações, inerente ao capital, não elimina as fronteiras geográficas nem leva a igualdade entre os povos

Ao mesmo tempo, a redução do crescimento econômico produtivo impele os setores industriais a buscarem rentabilidade através de atividades financeiras e especulativas, como define Chesnais, “os grupos industriais são, propriamente, grupos financeiros de predominância industrial”, desde a forma tradicional das *holding*, passando pelas atividades nos mercados de câmbio, até os mercados de capital fictício, isto é, os chamados mercados de “derivativos”.

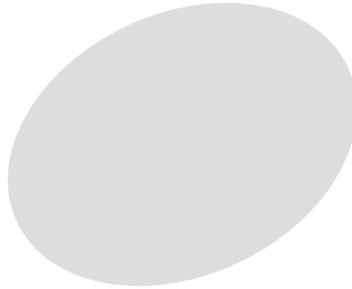
Se o imperativo para o capital é a sua rentabilidade ele irá para países e setores que garantam a efetivação dos seus objetivos.

Ora, é sabido que o capital financeiro não cria valor, ele “nutre-se da riqueza criada pelo investimento e mobilização de uma força de trabalho de múltiplas qualificações”, portanto, dos próprios investimentos do capital produtivo. (1996:246). Então, de que maneira os mesmos setores industriais que deslocam suas atividades para o setor financeiro se valorizam?

Beneficiando-se do processo de liberalização dos mercados nacionais e sua integração, os investimentos e as transações financeiras assumem as mais variadas formas, nas quais as empresas, bancos, estrutura cambial,

bônus do Tesouro adjudicados etc. estão sob o seu controle. É assim que o capital financeiro abocanha, no mercado mundial, parcelas da mais-valia gerada ou controlada pelo capital alheio.

Globalização é resultado de um processo histórico do movimento do capital, impulsionado e exigido pela sua própria lógica de reprodução



A crise contemporânea do capital: balanço e perspectivas

Vale lembrar que Chesnais advertia em seu trabalho *A mundialização do capital*, publicado em 1995, que essa situação não poderia ser levada *ad infinitum*, pelas razões mencionadas acima; o componente fictício desse capital levaria a uma crise generalizada, cujo epicentro seria o sistema financeiro, sobretudo norte-americano com a cumplicidade dos próprios países da tríade, que cotidianamente financiam sua dívida pública e endividamento crescente⁸.

As crises estruturais são inerentes ao capital, que repõe o seu caráter desigual e combinado, de modo que globalização do capital rumo à sua plena efetivação deve se deparar com nações, regiões ou configurações sociais com uma dada estrutura material, que irá determinar a forma pela qual cada nação vai se inserir ou não no mercado mundial, de sorte que “É muito diverso entrar para o circuito mundializado da economia como

país produtor e exportador de capitais e artefatos tecnológicos de ponta ou como receptor carente, coberto de dívidas” (Chasin, 1990:118). No entanto, os blocos econômicos são aqueles que, por enquanto, medeiam e potencializam as transações internacionais, logo, articular-se no interior deles é imprescindível, já que compartilhar do mundo globalizado é o pressuposto para sobrevivência.

De maneira que, de um lado, estão os países periféricos – e periféricos porque ao longo de sua história produzem num dado padrão e numa dada forma de intercâmbio mundial, evidentemente inferiores, e que, portanto só podem compartilhar do mundo mundializado em condições subalternas; de outro, estão aqueles que gozam de hegemonia, ainda que de maneira distinta. O fato é que nem todos compartilham no mercado global da mesma maneira, todavia,

não é preciso negar que todos tiram vantagem, mas a diferença está na qualidade e grandeza das próprias vantagens. Também pode ser concedido que seja melhor do que nada. Mas o que é nada economicamente na universalização do capital? *Nada* é simplesmente não ser reciclado para uma nova fase de acumulação ampliada global, que redispõe suas pletoras de vínculos assimétricos (Chasin, 1990:119).

Esses delineamentos sugerem que a globalização não é decorrente de um ato político, não é uma questão de vontade, não se confunde com as chamadas proposituras neoliberais. Globalização é, pois, resultado de um processo histórico do movimento do capital, impulsionado e exigido pela sua própria lógica de reprodução, cujas contradições foram detectadas e criticadas por Marx.

As experiências recentes em âmbito mundial, as distintas formas de inserção e reinserção internacionais, as contradições econômicas e sociais advindas desse processo, a exemplo dos frequentes refluxos da economia mundial, tendo como epicentro as turbulências nos mercados financeiros, os percalços para a constituição de um novo arcabouço político institucional do merca-

⁸ “A crise estrutural do capitalismo tem a cara medonha da crise do sistema financeiro internacional. Ou melhor, o complexo agudamente contraditório das finanças internacionais é a *máscara* que reveste a estrutura crítica, nos termos referidos, do sistema produtivo global”: J. Chasin. “A crise estrutural do capitalismo”. *Revista Ensaio*, 17/18. São Paulo, p. 7, 1990.

do mundial, a exemplo das ministeriais da OMC, evidenciam que ficou para trás a idéia apologética, amplamente difundida pelos meios de comunicação, nos primeiros anos década de noventa, de que a globalização traria um mundo de bonança para todos. No dizer de Chasin,

a nova (des) ordem internacional do capital, produzido e reproduzido com alta tecnologia no mercado globalizado, não é a materialização de um sopro divino de bonança, plasmada em opulência e justiça. É, porém, e será cada vez mais, até onde possam os horizontes ser hoje vislumbrados, o mundo real a ser vivido por todos, embora sob a diversidade com que os países estejam habilitados a participar dele por efeito do desenvolvimento desigual que os enforma(1996:105).

É preciso, portanto, estar em condições de trocar, isto é, produzir com alto padrão tecnológico vigente, e não basta trocar, porque a troca alterou sua magnitude, é preciso participar das trocas infinitas e superpostas. E, se, objetivamente, nem todos os países reúnem essas condições, conseqüentemente nem todos estarão em condições de “existir e padecer civilizadamente”.

Todavia, a crítica apologética à globalização não pode ignorar a base sobre a qual se assenta a mundialização do capital, – que é quase completamente ignorada nos discursos sobre a globalização até mesmo naqueles que se dispõem a criticá-la: a dimensão civilizatória do capital mencionada acima, o desenvolvimento inaudito das forças produtivas, “seja em sua forma mais simples, como ‘nexo estrutural entre crescimento da produção e progresso social e cultural’, seja em sua grandeza essencial como nexos entre ‘desenvolvimento das forças produtivas e enriquecimento da natureza humana’”. A globalização não pode ser, pois, “reduzida à especulação financeira, à política e à ideologia”, pois essa transgressão “condiciona a ignorar o fundamental: o desenvolvimento das forças produtivas e a *fortiori* o enriquecimento da essência humana” (1999:73).

A subsunção ao ideário liberal é que permite reduzir a globalização à especulação financeira, à política e à ideologia, uma vez que concebe economia e política como instâncias separadas e autônomas. Trata o estado como instância separada ou paralela à sociedade civil, fragmenta e desnatura desse modo o *metabolismo social*; a economia, a atividade essencial e vital da existência humana é convertida em *fator*, e a política ou o estado em agente social apartado da sociedade civil e das classes, com poder para engendrar interesses próprios. Desse modo, o mercado é a esfera intangível do egoísmo racional e a democracia seria a esfera da vontade ativa que permite reordenar aquele⁹.

Se, conforme Marx, o desenvolvimento das forças produtivas determina a forma de sociabilidade humana, não é possível separar desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais, de sorte que as formas de controle do homem sobre a natureza, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia não expressam apenas o enriquecimento do produto, mas também do produtor, ainda que subsumidos à lógica contraditória do capital, de modo que não estamos apenas diante da vigência de uma nova fase da trajetória do capital, mas diante de “uma nova forma de existência humana em todos os seus níveis e compartimentos”. A exclusão atual de grandes parcelas da humanidade das possibilidades de fruição da riqueza e do auto-desenvolvimento humano é determinada pela vigência do capital não pela supressão da potencialidade infinitiva do trabalho.

A globalização é, de fato, um processo irreversível, mas não desprovido de reações, de sorte que é possível ao menos colocar em pauta – sobretudo nas arenas onde são debatidas e definidas as novas rotas de produ-

⁹ No fundo, trata-se da concepção ontopositiva da politicidade, qual seja, a que concebe o estado ou a política como esfera da autodeterminação do homem ou de sua generalidade abstrata; ou a de que na esfera política encontram-se a explicação e a resolução dos problemas sociais, resultando, portanto, na ilusão de que, pelo aperfeiçoamento do estado ou da política, é possível resolver problemas cuja determinação é de cunho econômico-social.

ção e circulação do capital – os problemas mais latentes da globalização do capital: a globalização do desemprego e da miséria ou o destino das parcelas da humanidade mais drasticamente afetadas com a globalização. Tal empreitada, no entanto, requer uma grande armadura teórica. O grau de desenvolvimento das forças produtivas, que subjaz o processo da globalização do capital, expressa um vertiginoso desenvolvimento científico tecnológico que incide sob todos os âmbitos das relações humanas, determinadas pela e através do trabalho, atividade essencial do homem, de sorte que a retomada teórica e prática da autoconstrução humana impõe como ponto de partida a incontornável questão da lucidez e honestidade intelectual: escavar a realidade social até as últimas conseqüências, esforço evidentemente coletivo.

As contradições latentes da economia mundial, os impasses na formação de um novo arcabouço político institucional do comércio mundial, os conflitos e tensões entre as economias avançadas e as emergentes sugerem uma *Outra Globalização*, na esteira perspectivada pelo pensador brasileiro Milton Santos. Certamente um longo caminho, mas que não poderá ser trilhado pela reprodução passiva do conhecimento e da tecnologia produzidos pelos países e empresas dominantes. No momento em que a mercantilização da educação avança juntamente com o processo de desnacionalização das instituições educacionais, a valorização da prática da pesquisa científica nas instituições de ensino se impõe como pressuposto básico para crítica a forma pela qual o Brasil vem se inserindo no processo de globalização.

(artigo recebido out.2010/aprovado nov.2010)

Referências

- Autocrítica do capital. Editorial, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 de fev. 1997.
- Brasil, terceiro mundo. Editorial, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 de jul. 1999.
- Brasil Global. Editorial, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 de fev. 2002.
- CHASIN, J. (1990). A crise estrutural do capitalismo. **Revista Ensaio**, 17/18. São Paulo, p. 3.
- CHASIN, J. (1996). “Brasil. O poder do real”. In: **Mundo Hoje**, 95/97. São Paulo: Ensaio.
- CHASIN, J. (1999). Ad hominem. Rota e prospectiva de um projeto marxista. In: **Ensaio Ad hominem**. Santo André: Ad Hominem.
- CHESNAIS, F. (1996). **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã.
- FERNANDES, F. (1986). **Nova república?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HELLER, A. (1984). **O homem do renascimento**. Lisboa: Editorial Presença.
- LUKÁCS, G. (1992). A decadência ideológica e as condições gerais da pesquisa científica.. In NETO, J. P. (Org). **Lukács**. São Paulo: Ática.
- MARX, K. (1976). **Elementos fundamentais para la critica de la economía política**, México: Fondo de Cultura Económica.
- MARX, K. (1986). **Formações Econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MARX, K. (1986). **Manifesto comunista**, São Paulo, Novos Rumos.
- MARX, K. (1985). **O Capital**. Abril cultural: São Paulo, v. 2 p. 75.
- No megacapital global. Editorial, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 de abril 1998.
- O país na rodada do milênio. Editorial, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 de jun. 1999.
- SOBRINHO, M. G. J. **Os discursos sobre globalização e a abertura da economia brasileira nos editoriais da Folha de S. Paulo, durante 1999 a 2006**. São Paulo: CIP.